

TRABALHO E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

WORK AND EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: EXPERIENCE REPORT

Michel Goulart da Silvaⁱ
Ricardo Scopel Velhoⁱⁱ
Roberta Raquelⁱⁱⁱ

RESUMO

Neste relato de experiência, descrevemos e analisamos as atividades realizadas pelo Grupo de Estudos em Atualidades (GEA) do IFC, que conta com a participação de servidores de diversos campi e da reitoria, ao longo de 2020. Essas atividades tiveram como objetivo refletir acerca da situação econômica, política, social e sanitária enfrentada pelos trabalhadores durante a pandemia de Covid-19. O grupo de pesquisa realizou reuniões e seminários virtuais, que, além dos membros do GEA, reuniram estudantes de graduação e de pós-graduação de outras instituições, bem como trabalhadores em educação de diversos estados. Ademais, procuramos, neste relato de experiência, mostrar como os debates e reflexões apresentados ao longo das atividades podem contribuir para a ação política da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Trabalho Remoto. Educação. Pandemia.

ABSTRACT

In this experience report, we describe and analyze the activities carried out by the Current Affairs Study Group (GEA) of IFC, with the participation of servers from different campuses and the rector, throughout 2020. These activities aimed to reflect on the economic, political, social and health situation faced by workers during the Covid-19 pandemic. The research group held virtual meetings and seminars, which, in addition to GEA members, brought together undergraduate and graduate students from other institutions, as well as education workers from different states. Furthermore, we seek in this experience report to demonstrate how the debates and reflections presented during the activities can contribute to the political action of the working class.

Keywords: Remote Work. Education. Pandemic.

ⁱ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Técnico em assuntos educacionais no Instituto Federal Catarinense (IFC), Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: michelgsilva@yahoo.com.br

ⁱⁱ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor no Instituto Federal Catarinense (IFC), Rio do Sul, Santa Catarina, Brasil. E-mail: ricardovelho@yahoo.com.br

ⁱⁱⁱ Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora no Instituto Federal Catarinense (IFC), Camboriú, Santa Catarina, Brasil. E-mail: betaraquel@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O que é *familiar* não é, por esse fato, ainda *conhecido*.
(HEGEL apud LENIN, 2018, p. 105).

Ao longo do ano de 2020, marcado pela pandemia da Covid-19, o Grupo de Estudos em Atualidades (GEA), vinculado ao Instituto Federal Catarinense (IFC), realizou um conjunto de atividades de extensão visando debater a situação econômica, política e social pela qual passava o mundo. Nesse processo, procurou-se problematizar a crise econômica e suas manifestações mais aparentes, como o desemprego, o ataque a direitos dos trabalhadores, a precarização do trabalho, bem como as raízes de tais processos vinculados à intensificação da exploração. Na análise e no debate dessas questões, identificou-se o papel cumprido pelo trabalho remoto como central na reorganização do processo de trabalho, aprofundando a tendência de apropriação das horas de descanso e lazer pela atividade laboral.

Para melhor diagnosticar esse processo e, a partir disso, apontar para possíveis ações políticas de transformação social por parte da classe trabalhadora, procurou-se realizar atividades periódicas, em formato virtual, para manter o diálogo entre os membros do GEA e apresentar aos trabalhadores esse debate, por meio da atividade de extensão. O objetivo do GEA é

[...] discutir e propor intervenções nas realidades locais buscando capacitar estudantes, servidores e entidades envolvidas a compreender os tempos atuais numa perspectiva crítica e criativa. Isso implica em estudar os aspectos sociais, econômicos, ambientais, políticos, culturais e artísticos nos quais estamos envolvidos cotidianamente (VELHO; REIS, 2014, p. 109).

Para realizar suas atividades, o GEA parte do referencial teórico da Crítica da Economia Política, entendendo a pandemia como uma das expressões de uma crise profunda do capitalismo, diante da qual a burguesia, em âmbito mundial, se vê diante da necessidade de impor medidas que mantenham o funcionamento da reprodução do capital e seu lucro. Os mecanismos de exploração, a despeito do uso de uma retórica tecnológica, são os mesmos utilizados em séculos anteriores, ou seja, a destruição de forças produtivas e a reorganização da produção, mantendo ou mesmo aumentando a extração de mais valia. No *Manifesto Comunista*, Marx e Engels (2005, p. 45) apontaram: “cada crise destrói regularmente não só uma grande massa de produtos fabricados, mas também uma grande parte das próprias forças produtivas já criadas”. Nesse processo, “a sociedade vê-se

subitamente reconduzida a um estado de barbárie momentânea; como se a fome ou a guerra de extermínio houvessem lhe cortado todos os meios de subsistência” (MARX e ENGELS, 2005, p. 45).

Na crise que se expressa na pandemia da Covid-19, o Estado vem cumprindo seu papel de manutenção da ordem burguesa, em dois sentidos principais. Por um lado, governos de diferentes matizes políticas, à esquerda e à direita, dispensaram bilhões em dinheiro para salvar empresas e bancos da crise. Por outro lado, o Estado cumpriu o papel de atacar direitos dos trabalhadores, aumentando a precarização e intensificando a exploração, garantindo, assim, a manutenção da extração de mais valia. Para os trabalhadores, como mecanismo de apassivamento e cooptação, o Estado concedeu auxílios emergenciais com valores irrisórios, cuja soma total não é comparável ao dinheiro investido no socorro a empresas. Nesse processo, a burguesia procura manter a reprodução do capital, intensificando a exploração dos trabalhadores. Portanto,

[...] uma emergência internacional, como a causada pela pandemia do coronavírus, mostra que o Estado enquanto amenizador da miséria chegou a seu limite. Depois de todos os ataques promovidos em nome do lucro da burguesia, a pandemia encontra grandes aglomerações de pessoas sem saneamento básico, um sistema de saúde dominado por setores privados, universidades e centros de pesquisa sucateados, o crescimento constante de trabalhadores informais e um sistema de seguridade social enfraquecido pelo capital financeiro (SILVA, 2020, p. 3).

Os trabalhadores se viram obrigados pelo capital a garantir o funcionamento da economia, a despeito da necessidade de isolamento social (*lockdown*). Contudo, não apenas os setores considerados essenciais da economia continuaram funcionando, mas também aqueles não essenciais, devido à pressão da burguesia sobre os governos e, também, à necessidade vital para os trabalhadores de vender a única mercadoria que detêm para sua sobrevivência, ou seja, a força de trabalho. Comércio e indústrias de todo o tipo e, em alguns lugares, até mesmo igrejas foram considerados “essenciais” pelos governos, para que pudessem seguir abertos. Nesse cenário, os trabalhadores se viram expostos à pandemia, não tendo a garantia de equipamentos de proteção, com uma precária situação dos serviços públicos de saúde, sendo obrigados a estar em contato com outras pessoas ou mesmo aglomerações, tanto em seus locais de trabalho como no transporte público.

O trabalho remoto foi usado como uma panaceia que poderia garantir o isolamento social para uma parte dos trabalhadores, que não precisariam se expor

diariamente ao risco de contágio e que teriam horários mais flexíveis para realizar suas atividades profissionais. Contudo, a realidade que se tem visto é a intensificação do processo de exploração, com um aumento expressivo das jornadas de trabalho, que se materializa no aumento do cansaço físico e psicológico, bem como de doenças mentais.¹ A casa, que deveria ser um lugar de descanso, se tornou também ambiente de trabalho, impondo a este espaço a necessidade novos arranjos. Em paralelo, as empresas e os governos que adotaram o trabalho remoto, parcial ou totalmente, para seus funcionários têm conseguido economizar em estrutura (aluguel, energia elétrica, material de consumo, diárias, entre outros), cujos custos recaem sobre os trabalhadores. Desta forma, o capital ganha nas duas pontas, ou seja, economiza com os meios de produção e aumenta a quantidade de horas trabalhadas, caracterizando um brutal aumento dos lucros relativos e absolutos.

Neste relato de experiência, procuraremos descrever as atividades realizadas pelo GEA com vistas a refletir sobre a situação econômica, política e sanitária enfrentada ao longo da pandemia. Essas atividades, além de reunir os membros do grupo, contaram com a participação de estudantes de graduação e pós-graduação de outras instituições, bem como de trabalhadores de diferentes estados. Além disso, procuraremos mostrar como essas reflexões podem contribuir para a ação política dos envolvidos.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre agosto e outubro de 2020, o GEA realizou dois seminários e um curso com vistas a debater temas referentes à relação entre educação e trabalho na sociedade capitalista. Além da organização dessas atividades, divulgadas por meio virtual (e-mail, redes sociais etc.), que possibilitaram a inscrição de trabalhadores em educação e estudantes de graduação e pós-graduação de outras instituições, em Santa Catarina e em outros estados, o GEA realizou reuniões mensais entre seus membros. Essas reuniões periódicas, além de terem sido um espaço para organizar os seminários e o curso, permitiu alinhar temas e preocupações de pesquisa, bem como aspectos teóricos e metodológicos, entre os membros do GEA.

¹ Para uma análise da relação entre tecnologia e educação na pandemia, Cf. CIVIERO e VELHO (2020.)

A primeira atividade foi o seminário “O ‘terremoto’ do trabalho remoto”, realizada no dia 06 de agosto de 2020, que contou com a participação de 32 pessoas, entre comunidade interna e externa. O seminário contou com a palestra de Astrid Baecker Avila, doutora em Educação e docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que apresentou reflexões iniciais sobre o trabalho e o ensino remotos. Avila descreveu com detalhes o efeito da implementação do trabalho remoto em alguns ramos industriais e como isso implica numa ampliação considerável da exploração do trabalho pelo capital. Os participantes se posicionaram, debateram e questionaram os diferentes tipos de atividade remota a que estão submetidos, construindo assim uma reflexão crítica sobre o tema.

O evento foi avaliado como pertinente pelos participantes, o que foi fundamental para que se planejassem as atividades seguintes. Nessa primeira atividade, a maior dificuldade foi a não presencialidade do debate, impossibilitando maior interação real entre os participantes. Outro elemento destacado, nesta e nas demais atividades, foi a baixa qualidade de conexão disponível nas residências de parte dos participantes, desdobrando-se em quedas e apagões durante o evento. Conquanto, os aspectos negativos do seminário foram os mesmos descritos pelos participantes em suas atividades cotidianas de trabalho.

No dia 10 de setembro de 2020, foi realizada a segunda atividade. O curso “O Terremoto do Ensino Remoto”, com carga horária de 8 horas, contou com a participação de 20 pessoas. O curso contou com a exposição de Roberta Raquel, doutora em Geografia pela UFSC e docente do IFC, a respeito da pesquisa realizada pelo SINASEFE – Sindicato Nacional dos Servidores da Educação Básica, Técnica e Tecnológica, seção sindical Litoral, sobre o trabalho remoto no IFC.² A expositora apresentou os dados acerca das condições gerais dos e das trabalhadoras do IFC em relação às mudanças exigidas para a realização do trabalho remoto em razão da crise pandêmica. Os participantes, oriundos de vários lugares do país, inclusive de redes municipais e estaduais de educação, participaram ativamente do debate realizado após a exposição. A participação do público externo mostrou a atualidade e a pertinência da temática eleita como foco de problematização.

No dia 22 de outubro de 2020, foi realizado o seminário “O terremoto do trabalho remoto e a atual crise do capital”, que reuniu 37 pessoas, entre público interno e externo. Com exposição de André Ricardo Oliveira, doutorando em Educação na UFSC e docente do

² A sistematização dos dados da pesquisa apresentada no curso está disponível na revista Potemkin, periódico científico publicado pelo Sinasefe Litoral, em <https://www.potemkin.sinasefe-ifc.org/wp-content/uploads/2020/12/potemkin3-04-Trabalho-remoto-um-olhar-dos-servidores-e-servidoras.pdf>.

IFC, a atividade teve como objetivo discutir o trabalho remoto na educação em tempos de pandemia e no contexto de crise cíclica do capital. O expositor descreveu os elementos teóricos e empíricos que compõem a atual crise do capital, a qual é anterior à Covid-19, embora tenha sido potencializada pela pandemia. Oliveira demonstrou também alguns dados dos atuais conglomerados educacionais que estão passando por um processo de concentração e centralização, indicando uma tendência para o mercado educacional pós-pandemia. A atividade contou com a participação de trabalhadores em educação e discentes de graduação e pós-graduação de diversas instituições e estados. Com isso, foi possível discutir, contando com a ativa participação dos presentes, as diversas particularidades do trabalho remoto em sua relação com a crise do capitalismo, demonstrando como as condições de trabalho, sobre essa lógica, tendem a se perpetuar na forma remota, precarizando a educação pública em favorecimento do capital.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os seminários e cursos realizados foram importantes espaços para discutir a situação econômica, política e social vivenciada ao longo de 2020. Essas atividades possibilitaram, a trabalhadores e estudantes, a oportunidade de expor sua situação ao longo da pandemia e, a partir disso, refletir sobre esses temas em uma perspectiva crítica para além de seu cotidiano. Isso evidencia, pois, que atividades como as propostas pelo GEA constituem um espaço propício para a construção de conhecimento a partir da troca de saberes entre o espaço acadêmico e a comunidade.

O esforço das atividades realizadas pelo GEA não se deteve em discutir os fenômenos em sua aparência, mas em suas contradições intrínsecas. Nesse sentido, o uso do materialismo dialético como referencial teórico foi fundamental para desvelar os movimentos contraditórios que marcam a realidade do sistema capitalista e mostrar como se relacionam os fenômenos da aparência com os aspectos que os determinam em última instância, quais sejam, os ditames das corporações empresariais e seus frios cálculos de lucro. O GEA entende, conforme se pode verificar em relato de experiência publicado anteriormente, que

[...] o processo de formação dos indivíduos deve ser continuado, incluindo também os conteúdos que sirvam de instrumentos para apropriação do real em suas múltiplas determinações, e que estes se transformem em ferramentas para a construção autônoma de uma forma de sociabilidade controlada pelos seres

humanos, visando a produção da vida em todas as suas dimensões, para todas as pessoas e não somente para uma classe que se apropria do fruto do trabalho coletivo, como ocorre atualmente (VELHO e REIS, 2014, p. 109).

Como parte da avaliação geral das atividades realizadas pelo GEA, indicou-se a continuidade de seminários e cursos de extensão, assim como os estudos do grupo em 2021. Para tanto, além de aprofundar o debate sobre o método de análise, buscar-se-á também dialogar com outros sujeitos afetados pelo trabalho e pelo ensino remoto, como, por exemplo, os estudantes. Com isso, pretende-se ampliar o entendimento acerca das contradições do capital e apontar para possíveis caminhos na superação da exploração.

REFERÊNCIAS

CIVIERO, Paula Andrea Grawieski; VELHO, Ricardo Scopel. Da utopia 4.0 ao Caos da mão invisível: a pandemia tecnológica. **Revista Potemkin**, n. 3, p. 10-20, 2020. Disponível em: <https://www.potemkin.sinasefe-ifc.org/wp-content/uploads/2020/12/potemkin3-02-Da-Utopia-4.0-ao-Caos-da-mao-invisivel.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021

LENIN, Vladimir Ilitch. **Cadernos Filosóficos: Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

SILVA, Michel Goulart da. **Trotsky, a pandemia e o capitalismo em crise**. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 4, n. 10, p. 01-04, sep. 2020. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/boca/article/view/MichelSilva%21/3104>>. Acesso em: 05 jan. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.4015737>.

VELHO, Ricardo Scopel; REIS, Dalton de Menezes. Relato de experiência do Grupo de Estudos em Atualidades. **Extensão Tecnológica**, n. 2, 2014, p. 109-114. Disponível em <http://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/RevExt/article/view/85>. Acesso em: 05/01/2021.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

MS, RR e RV foram responsáveis pela redação deste relato de experiência.

Recebido em: 14/01/2021 Aceito em: 16/04/2021

